

AULAS TEMÁTICAS SOBRE OS POVOS CIGANOS

LINGUA PORTUGUESA

POEMAS E LENDAS DE UM POVO

A literatura cigana "escrita" é formada em primeiro lugar pela transposição por escrito da tradição oral. Em seu interior se acha uma ampla produção poética, expressão de sentimentos que nascem das experiências da vida cotidiana ou do desejo de uma redescoberta dos valores tradicionais fundamentais.

Bronislawa Wajs (1908 – 1987)

Poetisa, cantora, compositora, cigana. Conhecida como Papusza, a palavra Romani (cigana) de "boneca", a primeira cigana poetisa na Polônia. *Era uma criança incomum. Ela aprendeu a ler e escrever, roubando galinhas de aldeias polonesas! Ela trazia as aves para os habitantes alfabetizados em troca de aulas e livros, que ela mantinha bem escondidos (mulher cigana não podia aprender a ler, muito menos escrever...).* Às vezes encontrava seus livros rasgados, seus cadernos destruídos, seu lápis quebrado... No verão de 1949, o poeta polonês Jerzy Ficowski ouviu Papusza por acaso, quando ela cantava suas canções e, reconhecendo seu talento, pediu a ela para escrevê-las para que ele pudesse publicá-las. A canção "Tears of Blood", "Lágrimas de Sangue" juntamente com várias outras, foi publicado por Ficowski no início dos anos 1950 em um livro chamado "Canções de Papusza". (disponível em <http://amulhernaarte.blogspot.com/2011/09/bronislawa-wajs-papusza-tambem.html>)

(Trecho de "Lágrimas de sangue", escrito entre 1943 e 1944)

"Quando o grande inverno chegar,
Como as ciganas farão com suas pequenas crianças?
Onde irão encontrar agasalhos?
Tudo está em trapos.
Só se deseja morrer.
Ninguém sabe, apenas o céu.
Apenas o rio ouviu nosso lamento.
Quais olhos nos vêem como inimigos?
Quais lábios nos amaldiçoam?
Não os ouça, Deus.
Ouça-nos !"

Zurka Sbano (José Antônio Sbano)



CEF
104 Norte

Artista tradicional de circo-teatro, poeta, brasileiro, de família de origem cigana Kalderash. *Seu aprendizado ocorreu no circo da família Olimecha. Fazia números de dandys, argolas e teatro.* (SILVA, Erminia. 1996, p.26)

A ROMÁ

Um dia lá no Oriente
de onde tudo começa,
partiu meu povo contente,
caminhando sem ter pressa.
Quando partiu? Ninguém sabe.
Por que partiu? Ninguém diz.
Partiu quando deu vontade.
Por que partiu? Porque quis.
Então aqui aparecemos,
sem nunca saber quem fomos.
Nosso passado esquecemos,
só interessa o que somos.
O ontem sempre é passado,
o amanhã sempre é futuro,
vivemos despreocupados,
o hoje que é mais seguro.
Dizer que pátria não temos
é uma grande insensatez.
A nossa pátria sabemos,
é maior que a de vocês.
Sua pátria é um país somente,
a nossa é toda esta terra,
que Deus nos deu de presente,
por nunca fazermos guerra.
Somos um povo que canta,
feliz por saber viver.
O por do sol nos encanta,
amamos o amanhecer.
E assim, sempre de partida,
ora no campo ou cidade,
amamos a nossa vida,
somos reis da Liberdade!

Spatzo (Vittorio Mayer Pasquale)



CEF
104 Norte

Spatzo na língua dos Sintos Estrekárja significa "passarinho, pardal", um apelido que nos traz aquele senso de liberdade frequentemente lembrada por este poeta que, no decorrer da sua vida, conheceu momentos de intenso sofrimento. Através de suas poesias, diante das adversidades da sorte, Spatzo demonstra que soube conservar intacta aquela alma cigana, feita de coisas simples e imediatas (texto de A Poesia dos Ciganos, disponível em <http://www.vurdon.it/brazl.htm>).

LIBERDADE

Nós Ciganos só temos uma religião: a liberdade.

Em troca dela renunciamos à riqueza, ao poder, à ciência e à sua glória.

Vivemos cada dia como se fosse o último.

Quando se morre, se deixa tudo: um miserável carroção ou um grande império.

E nós cremos que naquele momento é muito melhor termos sido Ciganos do que reis.

Não pensamos na morte. Não a tememos, eis tudo.

O nosso segredo está em gozar a cada dia as pequenas coisas

que a vida nos oferece e que os outros homens não sabem apreciar:

uma manhã de sol, um banho na nascente,

o olhar de alguém que nos ama.

É difícil entender estas coisas, eu sei. Ciganos se nasce.

Gostamos de caminhar sob as estrelas.

Contam-se coisas estranhas sobre os Ciganos.

Dizem que lêem o futuro nas estrelas

e que possuem o filtro do amor.

As pessoas não crêem nas coisas que não sabem explicar.

Nós, ao contrário, não procuramos explicar as coisas nas quais cremos.

A nossa é uma vida simples, primitiva.

Basta-nos ter o céu por telhado,

um fogo para nos aquecer

e as nossas canções, quando estamos tristes.

AMSK Brasil transcrição de uma estória:

A LENDA DA CIGANA SAFIRA E O MORCEGO

Diz a lenda que num tempo muito distante existiu uma cigana chamada Safira. Era conhecida como a guerreira e defensora dos menos favorecidos. Por isso amada por muitos e odiada por poucos.

Um dia o rei de Granada para castigá-la ordenou aprisioná-la numa gruta, perto das areias do rio Darro, lugar esse temido pelos estranhos poderes que tinha a água.

Muitos tentaram impedir sua prisão, mas nada adiantou. Os soldados do rei eram em maioria.

No romper da madrugada, já perto da gruta um barulho ecoa. Os soldados assustados empurram Safira e saem correndo.

Ela começa a rir e diz:

- Quanta coragem!

Então se senta e faz uma fogueira.

Ouve novamente aquele barulho estranho e resolve investigar.

Ela vai seguindo o barulho até chegar em um espinheiro enorme e finalmente vê um morcego preso bem no meio dele.

Safira não agüenta ver a angustia do morcego. Ela rasga sua saia em dois pedaços e enrola em cada mão, quebra alguns galhos, e consegue retirar o morcego do espinheiro. Coloca o morcego no chão. O morcego se lambe um pouco e logo depois de recuperar as suas energias, finalmente sai voando.

Safira dá um sorriso e diz:

- Pelo menos alguém se deu bem nesta história. Você não vai ficar preso.

Sentada em volta da fogueira, eis que surge lentamente um senhor alto e forte, vestido com uma enorme capa preta toda bordada com fios de ouro, e um lindo chapéu. Aguerriada, ela observa todos os movimentos.

O senhor perguntou-lhe:

- Safira o que fazes tão longe de casa e apartada do vosso povo?

Ela respondeu:

- O rei ordenou minha prisão naquela gruta, porque ajudo os menos favorecidos. Mas, graças ao barulho de um morcego os soldados saíram correndo assustados. Agora estou aqui pensando no que fazer. E o senhor forasteiro de onde vem ou para onde vai?

Ele disse:

- Não temas. Eu vim para lhe ajudar a trilhar o caminho que conduzirá as caravanas em segurança sem ter que pagar o pedágio ao rei de Granada.

Safira responde:

- E o que queres em troca?

Ele sorri, e inicia um sapateado encantador. A cada gesto de sua dança saía um morcego das árvores. Em pouco tempo eram centenas de morcegos rodeando pelo ar.

Então, o senhor responde:

- Eu quero que quando a caravana de seu povo chegar aqui, perto da gruta, acenda uma fogueira, cantem e dancem para alegrar e agradecer os morcegos que irão levá-los em segurança pelo caminho.

Safira com felicidade no coração dá um forte abraço naquele senhor desconhecido dizendo:

- Obrigada meu amigo! Prometo que todas as gerações de ciganos passarão por aqui e em respeito a nossa amizade irão festejar esse nosso momento.



CEF
104 Norte

E alegremente começam a dançar.

Após ensinar o sapateado, o senhor lhe fala:

- Safira é hora de partir. Vá e ensine a todos a nossa dança da alegria. A partir de hoje os ciganos serão reconhecidos como os filhos do vento, pois não serão vistos e nem presos.

Safira com os olhos cheio de lágrimas abraça seu amigo e sai a caminho de volta para casa acompanhada por alguns morcegos.

Enquanto ela se afasta o Senhor sorrindo se transforma novamente naquele morcego que Safira salvou.

DIDÁTICA

Transcrição dos vídeos sobre as aulas temáticas realizadas no dia 8 de abril de 2011 em comemoração ao Dia Internacional dos Ciganos.

Elaborado por Alessandro Piantino, professor da 5ª série:

Nós trabalhamos no Dia Internacional dos Ciganos mostrando um pouco da Cultura do Povo Cigano através de textos, através de poemas e tentei, de certa forma, nesse momento abstrair dos alunos alguma forma de sentimento para com o povo cigano. Utilizando as bases textuais nós buscamos em cada conversa, em cada diálogo entre eles e comigo, as características do povo cigano, as particularidades da sua cultura e partindo daí, tentamos descrever tudo isso de forma poética, colocando um certo subjetivismo dentro da poesia, até porque isso, de certa forma, para o aluno é tranquilo. Não é tão difícil para ele trazer ao texto uma certa subjetividade, partindo é claro de uma questão concreta. Dos vários textos produzidos nós separamos oito textos, que foram lidos no momento que estava sendo apresentado o Dia Internacional dos Ciganos e colocamos também isso para os outros alunos que estavam assistindo. Foi muito produtivo porque além dos textos que eles leram sobre o povo cigano, eles conseguiram, de certa forma, converter essa leitura em um outro tipo de texto: um texto poético. Eles gostaram de estar à frente do trabalho, gostaram de participar, ficaram incentivados e hoje eles continuam escrevendo. Graças a Deus!

REFERÊNCIAS

FRANZESE, Sergio. **A Poesia dos Ciganos**. Acesso em 20 Set 2008. Disponível em <http://www.vurdon.it/brazl.htm>



CEF
104 Norte

SILVA, Erminia. **O Circo: Sua Arte e Seus Saberes**. O circo no Brasil do final do Século XIX a meados do XX. Campinas: UNICAMP, 1996. 172 p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1996. pp. 26, 106. Acesso em 18 Jan 2011. Disponível em http://www.pindoramacircus.com.br/novo/upload/biblioteca/pdf/erminia_mestrado.pdf

WIKIPEDIA, The Free Encyclopedia. **Bronisława Wajs**. Acesso em 18 Jan 2011. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Bronis%C5%82awa_Wajs

Sítios sugeridos para estudo e pesquisa sobre os povos ciganos:

<http://www.amsk.org.br/estudosepesquisa.html>

<http://www.amsk.org.br/artigos.html>

<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/index.html>

<http://www.vurdon.it/brazl.htm>

<http://www.romanothan.ro/>

<http://www.unionromani.org/>